

Nicole Brossard*

“Le furtif incandescent” / “O furtivo incandescente”

LE FURTIF INCANDESCENT

À la fin, toutes disaient moi sachant qu'être soi frôlait
l'improbable. La pensée choyait ses malheurs et gerbes
de joie. Être soi exigeait l'élégance d'un silence
et la contemplation. L'eau ne venait qu'un temps
vers nous portant sa douceur jusqu'au fond de l'œil.

À l'état de malheur ou de modernité,
les mots ne demandent qu'à être bien
traités comme la peau, le coton, le café,
l'olive. Ils surgissent parfois à l'état
de bracelet, de larmes ou de bicyclette
rouge rêveuse appuyée contre un mur
de la rue Saint-Laurent à Montréal. D'autres,
flexibles, attendent que l'œil ou la bouche
les recompose à l'infini phrases boucles heureuses
jusqu'aux nœuds les plus intimes.

Bouche ouverte avec ou sans salive
comme à la guerre au milieu de foules
et de femmes essoufflées par les malheurs,
les mots sont là, tapis ou décochés
prêts à dompter ou à embraser
nos vies. Et s'il faut les imaginer
flamboyants ou vestiges
avec ou sans tendresse, ils abondent,
familles regroupées lexicales,
chacune avec son sel et brindilles,
poussière d'os, noms de naissance ou de fleur.

À chaque instant c'est en spirale
que des écailles fameuses de vie se posent
sur notre dos avec un bruit,
un vœu de présence à tout prix intense.
Alors nous oscillons entre
les énigmes et les contradictions
l'abondance des ombres
notre vouloir vivant
jusqu'à la toute fin de nos biographies

En ce samedi de fin septembre
alors que notre intelligence à fables et récits
n'est pas encore soumise
aux matériaux et technologies de tromperie
quelque chose surgit entre
les paupières et l'affluence des aubes.
Tantôt c'est notre corps souverain,
pensons-nous, tantôt c'est paysage
fin septembre au bleu de respiration feuillue,
tantôt voici que j'acquiesce sobrement
à des idées préconçues de pronoms personnels.
Puis le temps envahit l'idée d'autrui,
les intentions de lumière et les glaciers.
Tantôt je suis affamée de cosmos
Tantôt nous recomposons les îles et les lacs
le furtif incandescent
les noyades d'éternité

Elle avait mis plusieurs bracelets à son poignet droit
croyant que le cuir, l'or et le bois lui donneraient
le courage d'écrire. C'était visuel, vrai, symbolique.
Le ciel était bleu, le vent léger. Les feuilles bruissantes,
et l'ombre rappelaient les forêts de la Renaissance.
Personne ne songeait encore aux cendres et à l'hiver.
La Renaissance était un climat. Tout comme aujourd'hui
nous habitons le 21^e siècle au milieu des incendies, des virus
et des écrans, transformant nos muscles mous d'époque
en intelligence artificielle.

Une fois le mot et l'image saisis, la pensée se mit à rouler
d'elle-même de manière à ce que *furtif* s'efface au profit
d'une autre mesure du temps. Ainsi la pensée installa
ici et là des alarmes comme si nos vies allaient être
à tout jamais sur le qui-vive et que le plus clair de notre temps
serait passé à ne pas gémir sur notre condition. L'idée de
brièveté tatouée en chacun de nos gestes
fit son chemin. Le cerveau roula d'hypothèse en
hypothèse, encore affamé de cosmos et d'éternité

Restait le problème de l'actualité furtive
alors que les mots guerre, naissance et démocratie
avaient convergé dans l'image d'un enfant allongé dans
le sable, cheveux, joues et genoux badigeonnés de sang.
L'image du garçon générique avait refoulé depuis
longtemps celle de la fille qui donne naissance.
On programait les paysages. Une post-humanité prenait forme
s'infiltrait dans les muscles du visage et même dans les clichés
et les récentes postures de compassion. Les profils défilaient.
Nous disions encore *je* selon le tourment
le sang ou les larmes.

O FURTIVO INCANDESCENTE

No fim, todas diziam eu sabendo que ser si mesma rasava o improvável. O pensamento acarinhava as suas desgraças e os seus jorros de alegria. Ser si mesma exigia a elegância dum silêncio e a contemplação. A água vinha só por instantes até nós trazendo a sua suavidade até ao fundo do olho.

No estado de desgraça ou de modernidade, as palavras não pedem mais que um bom tratamento como a pele, o algodão, o café, a azeitona. Elas surgem às vezes no estado de pulseira, de lágrimas ou de bicicleta vermelha sonhadora encostada a um muro da rua Saint-Laurent em Montréal. Outras, flexíveis, esperam que o olho ou a boca as recomponha até ao infinito frases anéis felizes mesmo os mais íntimos nós.

Boquiabertas com ou sem saliva
como na guerra no meio de multidões
e de mulheres deixadas sem fôlego pelas desgraças,
cá estão as palavras, envergonhadas ou desferidas
prontas para domar ou incendiar
as nossas vidas. É preciso imaginá-las
flamejantes, ou vestígios
com ou sem ternura, elas abundam,
famílias reagrupadas lexicais,
cada qual com o seu sal e gravetos,
poeira de ossos, nomes de nascimento ou de flor.

É a cada momento e em espiral
que escamas famosas de vida poisam
nas nossas costas com um ruído,
voto de presença imprescindível, intenso.
Oscilamos então entre
os enigmas e as contradições
a abundância das sombras
a nossa ânsia viva
até ao derradeiro fim das nossas biografias

Neste sábado de finais de setembro
quando a nossa inteligência para fábulas e narrações
ainda não ficou subjugada
aos materiais e tecnologias de engano
qualquer coisa surge entre
as pálpebras e a afluência das alvoradas.
Ora é o nosso corpo soberano,
pensamos nós, ora é paisagem
finais de setembro do azul de respiração frondosa,
ora eis que aceno sobriamente
a ideias preconcebidas de pronomes pessoais.
Então o tempo invade a ideia de outrem,
as intenções de luz e os glaciares.
Ora estou esfomeada de cosmos.
Ora recompomos as ilhas e os lagos
o furtivo incandescente
os afogamentos de eternidade

Ela enfiara várias pulseiras no pulso direito
achando que o cabedal, o ouro e a madeira lhe haviam de dar
a coragem de escrever. Era visual, verdadeiro, simbólico.
O céu era azul, o vento, leve. O farfalhar das folhas,
e a sombra lembravam as florestas do Renascimento.
Ninguém sonhava ainda com as cinzas e o inverno.
O Renascimento era um clima. Tal como hoje
habitamos o século 21 no meio dos incêndios, dos vírus
e das telas, transformando os nossos músculos frouxos de época
em inteligência artificial.

Uma vez captadas a palavra e a imagem, o pensamento pôs-se a rodar
por si mesmo de forma a que este *furtivo* se apague em prol
doutra medida do tempo. Assim o pensamento instalou
cá e lá alarmes como se as nossas vidas fossem ficar
para todo o sempre em estado de alerta e a maior parte do nosso tempo
fosse passado a não chorar sobre a nossa condição. A ideia de
brevidade tatuada em cada um dos nossos gestos
traçou o seu caminho. O cérebro rolou de hipótese em
hipótese, esfomeado ainda de cosmos e eternidade.

Restava o problema da actualidade furtiva
enquanto as palavras guerra, nascimento e democracia
convergiram na imagem duma criança deitada na
areia, cabelo, bochechas e joelhos pincelados de sangue.
A imagem do rapaz genérico evacuara havia
muito tempo a da rapariga que dá à luz.
Programavam-se as paisagens. Uma pós-humanidade ganhava forma
infiltrava-se nos músculos do rosto e até nos clichés
e nas recentes posturas da compaixão. Os perfis desfilavam.
Ainda dizíamos *eu* consoante o tormento,
o sangue ou as lágrimas.

Trad. Catherine Dumas

NOTA

* Nicole Brossard é uma poeta, romancista e ensaísta nascida em Montréal. Publicou mais de 30 livros desde 1965, dos quais se destacam *Mauve Desert*, *Museum of Bone and Water* e *The Aerial Letter*. Foi co-fundadora e co-diretora da revista literária *avant-garde La Barre du Jour* (1965-1975), co-realizou o filme *Some American Feminists* (1976) e co-editou a conhecida *Anthologie de la poésie des femmes au Québec* (1991). Foi distinguida com importantes prêmios, entre os quais o *Le Prix Athanase-David* (a distinção literária mais elevada no Quebec) e o *Griffin Prize*, atribuído em 2019, pela sua carreira. A sua obra está traduzida para várias línguas. Uma antologia da sua poesia será publicada em Portugal, em janeiro de 2021, levando por título *Vasta complicação da beleza* (traduzida para português e organizada por Hugo Amaral).